



Sexual and gender diversity: facets of a quiet fight through centuries

Diversidade sexual e de gênero: facetas de uma luta silenciosa ao longo dos séculos

Diversidad sexual y de género: facetas de una lucha tranquila a través de siglos

Margarida Maria Araujo Bispo¹, Maria Helena Santana Cruz¹

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Margarida Maria Araujo Bispo

E-mail: rainhamargo@hotmail.com

Como citar: Bispo, M. M. A., & Cruz, M. H. S. (2021). Sexual and gender diversity: facets of a quiet fight through centuries. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 2(1), e12379. <https://doi.org/10.20952/jrks2112379>

ABSTRACT

This article addresses sexual diversity, the historic struggle for the rights of LGBTQIA + groups, and the silencing they have suffered over the centuries. The text discusses the history and progress of this struggle to break the barriers of silencing, and confirm their rights in society and in educational practices in two State Schools located in the municipality of Tobias Barreto/SE. The theoretical approach will be post-structuralist based on scholars who approach the trajectory of homosexuals and transgenders in the historical and social context. Although the battle was fought at the beginning of the fight quietly, the achievements are still minimal in view of the full range of violence suffered by homosexuals and transsexuals in the social environment that they are part of. The violence suffered by LGBTQIA+ is a problem to be discussed in the educational environment, through the history of struggle as an element of empowerment for these young people.

Keywords: Homosexuals. LGBTQIA+. Rights. Silence. Transgender.

RESUMO

Este artigo aborda a diversidade sexual, a luta histórica dos direitos de grupos LGBTQIA+, e do silenciamento sofrido por eles ao longo dos séculos. O texto aborda a história e os avanços dessa luta para romper as barreiras de silenciamento, e confirmar seus direitos na sociedade e nas práticas educacionais em dois Colégios Estaduais situados no município de Tobias Barreto/SE. A abordagem teórica será pós-estruturalista pautada em estudiosos que abordam a trajetória dos homossexuais e transgêneros no contexto histórico e social. Apesar de a batalha ter sido travada no início da luta silenciosamente, as conquistas ainda são mínimas diante de toda a gama de violência sofrida por homossexuais e transexuais no meio social que fazem parte. A

violência sofrida pelos LGBTQIA+, é um problema a ser debatido no meio educacional, por meio da história de luta como elemento de empoderamento para esses jovens.

Palavras-chave: Direitos. Homossexuais. LGBTQIA+. Silenciamento. Transgêneros.

RESUMEN

Este artículo aborda la diversidad sexual, la lucha histórica por los derechos de los grupos LGBTQIA + y el silenciamiento que han sufrido a lo largo de los siglos. El texto analiza la historia y los avances de esta lucha por romper las barreras del silenciamiento, y reafirmar sus derechos en la sociedad y en las prácticas educativas en dos Escuelas Públicas ubicadas en el municipio de Tobías Barreto/SE. El enfoque teórico será postestructuralista basado en estudiosos que abordan la trayectoria de los homosexuales y transexuales en el contexto histórico y social. Si bien la batalla se libró al inicio de la contienda en silencio, los logros aún son mínimos en vista de la gama completa de violencia que sufren los homosexuales y transexuales en el entorno social del que forman parte. La violencia sufrida por LGBTQIA + es un problema a discutir en el ámbito educativo, a través de la historia de lucha como elemento de empoderamiento de estos jóvenes.

Palabras clave: Derechos. Homossexuales. LGBTQIA+. Silencio. Transgénero.

INTRODUÇÃO

“É incrível o quão alto o silêncio pode gritar com você, sem descanso, lembrando-o que está completamente sozinha/o no mundo” (Tillie Cole)¹.

Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado que está em fase inicial sobre a literatura homoerótica nas salas do Ensino Médio de duas escolas estaduais localizadas na cidade de Tobias Barreto/Se, no primeiro momento farei uma análise sintética, tendo como ponto focal a contextualização histórica dos greco-romanos e de algumas passagens bíblicas. Focaremos ainda em outros momentos históricos que foram responsáveis pelo silenciamento da classe LGBTQIA+, ao longo dos séculos, e que se fizeram presentes de maneiras aterradoras, seja por fatores sociais, que abrangem religião e direito ou por parte da medicina que desde a antiguidade greco romana rotulava os LGBTQIA+. Ressalto, ainda, que as concepções destes segmentos sociais e científicos ecoam ainda nos dias atuais na sociedade que em muitos casos, se faz de desentendida quando o assunto perpassa para o respeito à diversidade.

É nesse contexto que a diversidade deva ser apresentada e, com ela a significação das distintas possibilidades de expressão e vivência social das pessoas, dadas por aspectos como orientação sexual, gênero, sexo, faixa etária, raça/cor, etnia, deficiência, entre outros. Diversidade sexual e de gênero (DSG), ou simplesmente diversidade sexual, é um termo usado para referir-se de maneira inclusiva a toda a diversidade de sexos, orientações sexuais, identidades e expressões de gênero sem a necessidade de especificar cada uma das identidades que compreendem essa pluralidade. É impossível falar de diversidade sexual sem enfrentar o debate sobre relações de gênero, conceito esse que é pré-requisito para o entendimento de outros dois: sexo e gênero. Sexo refere-se às características específicas e biológicas dos aparelhos reprodutores feminino e masculino, ao seu funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios. O sexo não determina por si só a identidade de gênero e, muito menos, a orientação sexual de uma pessoa.

Para Joan Scott (1995, p. 5), o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Essas diferenças se fundam em símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e mitos. Além disso, são “os conceitos

¹ Tillie Cole, autora americana de romances contemporâneos.

normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas” expressos em doutrinas religiosas, educativas, políticas ou jurídicas e que opõem de maneira binária e inequívoca as concepções de masculino e feminino. Essa construção é realizada, reforçada e também fiscalizada ao longo do tempo principalmente pelas instituições sociais, como: a igreja, a família e a escola. Na sociedade, o gênero refere-se aos papéis sociais diferenciados para mulheres e homens. A partir do gênero, podem ser percebidas a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos; o seu estudo é um meio de decodificar e compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Nessa linha de reflexão, este artigo tem como objetivo compreender como se deu o silenciamento sofrido pelos/as homossexuais e transexuais ao longo dos séculos. Para melhor elucidar, apropriei-me da frase de Cole (2019) que aborda perfeitamente a maneira como o silenciamento gera a solidão e, por muitas vezes, como essa solidão acaba em suicídio. É notório que esse “fechamento em si mesmo” que muitos/as homossexuais e transexuais vivenciam é por não se compreenderem protagonistas no mundo em que vivem. Essa característica surge, na maioria das vezes, na adolescência, período em que tudo ainda é muito confuso para eles/as, fazendo-os/as se sentirem sozinhos/as e desamparados/as, já que às vezes não têm um vínculo de pertencimento ao meio social em que transitam. É evidente, desde o período greco-romano, que o silêncio sempre fora, e ainda é, a companhia dos/as homossexuais e transexuais. Essa realidade pode ser percebida nas manifestações de discriminação que ocorrem na sociedade atual quando vemos reportagens que denunciam o abuso sofrido pela classe LGBTQIA+, de algum modo correlata aos *Cianedus*², que, no período greco-romano, não passavam incólumes às críticas sociais que eram proferidas, muitas vezes, por filósofos como Sócrates, que condenavam as práticas homossexuais e o comportamento dos *Cianaedus*.

Para além da história greco-romana, pode-se encontrar nas Sagradas Escrituras passagens que denotam o desprezo que os/as homossexuais sofriam e, ainda sofrem, diante dos fatos retratados em diversos capítulos e versículos que compõem o Livro Sagrado. À medida que os anos vão se transformando em séculos, essa realidade retratada na Bíblia ainda tem muita força no que diz respeito à discriminação e ao silenciamento contra os/as homossexuais, transexuais e bissexuais por meio da religião. Nos primeiros séculos da Idade Média, Santo Agostinho encontra Deus e nos deixa ver, por meio do seu livro *Confissões*, sua vida de pecador, e a sodomia, tão abjeta para o/a cristão/ã, pode ser percebida em meio a suas confissões; por meio delas, o autor rememora sua vida de pecador ao mesmo tempo que demonstra o que o pecado trouxe para a sua vivência.

É notório que, no decorrer dos séculos, poucas coisas mudaram no que tange às concepções religiosas. A condenação do que se vê como “pecado” continua sendo pauta utilizada pela religião, e, para que se convença o/a “pecador/a”, as páginas bíblicas são a fonte de punição que se apresenta aos corpos LGBTQIA+ por transitar por lugares a que pertencem. O silenciamento imposto vai ganhar corpo ao longo dos séculos e chegará aos dias atuais de maneira aterradora. Apesar das políticas voltadas para a classe, ainda se percebe que os locais em que deveriam ser abraçados/as e acolhidos/as são os mesmos que permitem atitudes homofóbicas e transfóbicas que, definitivamente, precisam ser revistas, principalmente quando essas atitudes são realizadas na escola, local em que todos/as devem ser acolhidos/as e incluídos/as.

Apesar de a inclusão dos/as LGBTQIA+ no meio educacional ser discutida nos últimos tempos, não existem projetos pontuais nas Secretarias de Educação do Estado de Sergipe que busquem inseri-los/as nas escolas, em especial quando chegam à adolescência. Foi pensando nessa problemática que surgiu a ideia de escrever um artigo que tratasse da Literatura Homoerótica como instrumento de inserção e permanência dos/as LGBTQIA+ nos últimos anos

² *Cianedus* – originalmente homens que se devotavam a uma paixão exclusiva por homens que os tornavam semelhantes às mulheres, física ou psicologicamente. (*Tutta Un’Altra Storia*. Milano: Il Saggiatore, 2015).

do Ensino Básico. Isso porque é notório que muitos/as homossexuais, transexuais, bissexuais e pangêneros não permanecem no meio educacional por falta de políticas públicas³ que os/as ajudem a entender que possuem direitos e que são cidadãos/ãs iguais aos/às outros/as que ali estão. Outro fator importante é fazer com que os/as demais estudantes que fazem parte do meio educacional em que estão inseridos/as os/as LGBTQIA+ os/as respeitem e os/as vejam como iguais no processo educacional; por esse motivo a Literatura Homoerótica deve fazer parte dos debates nas aulas de Língua Portuguesa.

Durante a minha vida educacional, percebi que boa parte desses/as jovens não conseguem se manter firmes no propósito de terminar o Ensino Médio e adentrar a universidade. Muitos/as são jovens brilhantes, mas ficam perdidos/as devido à intolerância dos/as colegas e ao descaso das escolas. É notório que a busca pelo reconhecimento das minorias vem sendo acirrada, no entanto a adolescência é um momento em que a fragilidade desses/as jovens está aflorada, e, ainda, eles/as têm medo da rejeição familiar e da sociedade em que estão inseridos/as. Logo, aprofundar essas questões se faz necessário, uma vez que cabe à escola mudar o pensamento dos/as alunos/as, professores/as e colaboradores/as no que diz respeito ao gênero e ao fato de que nem todos/as são iguais. Vale ressaltar que, enquanto pesquisadora, apesar de ser mulher e não ter tido grandes dificuldades na vida, isso não significa dizer que nunca presenciei as dificuldades passadas pelos/as LGBTQIA+.

Não é possível prever se os/as colaboradores vão assimilar as obras literárias sugeridas; mas, a partir do ponto de vista da recepção, certamente haverá muitas rasuras, releituras, análises, comparações, bem como estabelecimento de paralelos –, e isso, essa interação entre texto e leitor/a, esse provocar a sensibilidade, é um dos principais objetivos da pesquisa. Nesse contexto, este artigo se dispõe a ser um canal que aproxime a escrita da Literatura Homoerótica contemporânea de leitores/as jovens. Esta investigação pretende provocar reflexões sobre a dialética da arte e da sociedade, da literatura e da realidade, manifestando-se enquanto um ato político, pensado para funcionar como tal.

A escolha dos/as LGBTQIA+ se deu por dois fatores essenciais: o primeiro é que havia o interesse de ampliar o universo de leituras dos/as LGBTQIA+ e o segundo, e não menos importante, é a necessidade de se colocar os/as LGBTQIA+ em contato com uma literatura que os/as representa e também apresentar essa literatura impregnada de informações aos/às heterossexuais, concebendo o que Compagnon (2009, p. 29) diz:

Lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que não leem. Primeiramente, em um sentido bastante simples, viver é simples, viver é mais fácil [...] para aqueles que sabem ler, não somente as informações, os manuais de instrução, as receitas médicas, os jornais e as cédulas de voto, mas também à literatura. Além disso, supôs-se por muito tempo que a cultura literária tornasse o homem melhor e lhe desse uma vida melhor.

Esse trecho nos lembra ainda de outro texto, “A Literatura em Perigo”, de Todorov (2010), que diz que a literatura salvou sua vida. Ora, se grandes autores/as dizem que a literatura é vital no meio social e que os/as ajudou ao longo de suas vidas, por que não a utilizar no processo de empoderamento e permanência dos/as LGBTQIA+ no seio da escola? Por que não suscitar reflexões sobre a condição desses/as jovens no meio social, potencializando seus saberes e suas subjetividades e os/as provocando no sentido de desempenhar papel ativo, crítico e político em sua comunidade?

Sabe-se que há muitos/as jovens com o perfil estabelecido que realizam leituras e que o fazem de modo profícuo, incluindo diferentes gêneros literários e textuais e englobando autores/as diversos/as – tanto canônicos/as quanto populares e marginais. Nesse sentido, se

³ Quando digo “falta de políticas públicas” refiro-me as escolas estaduais citadas, que ainda não reconhecem os direitos dos transgêneros que fazem parte do corpo discente que delas fazem parte.

faz necessário levar para esses/as jovens outros títulos: autores e autoras que trabalharam com a temática homoerótica desde tempos longínquos até os dias atuais. Dentre esses/as escritores/as, teremos clássicos/as, contemporâneos/as e populares.

Os/As jovens LGBTQIA+ pouco conhecem acerca das produções homoeróticas, e, a partir dessa informação, nota-se a relevância de experimentar outras literaturas que possibilitem a formação, a reorientação e a reflexão sobre outras possibilidades de leitura literária. O problema está centrado na carência, nas bibliotecas de dois Colégios, na cidade de Tobias Barreto/SE, de obras diversas enfocando autores/as situados/as fora dos centros canônicos e ocidentais e abrangendo temas tensionadores em discussão atualmente, tais como: subalternidade, gênero, raça, classe, identidade, território/nação, bem como se evidencia a falta de acesso às diversas literaturas considerando-se a classe social, o que também impacta no desenvolvimento intelectual dos/as jovens LGBTQIA+ que frequentam essas escolas de classe social menos favorecida, os/as quais não possuem acesso a um acervo de leituras majoritariamente homoeróticas e, muitas vezes, nem sabem que elas existem.

A hipótese inicial é de que, através de diversas literaturas de temáticas tensionadoras, provocadoras de criticidade, focando em estudantes e professores/as dos Anos Finais do Ensino Médio em dois Colégios Estaduais na cidade de Tobias Barreto/SE, nas discussões e reflexões significativas a partir de leituras produzidas por autores/as que tocam na temática homoerótica ou autores/as contemporâneos/as que possuem obras estritamente homoeróticas, é possível ampliar o empoderamento LGBTQIA+ dos/as alunos/as diante da submissão e do lugar instituído desses/as jovens, repercutindo na política de gênero local, levando-se em consideração que muitos/as deles/as ainda não leem escritores/as literários/as de abordagens mais críticas por falta de acesso às obras.

OUTROS TEMPOS E AS MESMAS HISTÓRIAS...

Para abordar a temática da homofobia através dos tempos e de como ela é prejudicial na medida em que não se dá a devida atenção a ela, busquei histórias ao longo dos tempos que possam mostrar que a raiz da homofobia é profunda e de uma perversidade inigualável. No Antigo e no Novo Testamentos da Bíblia, várias são as passagens em que a homofobia se faz presente, assim como nos mitos greco-romanos e, posteriormente, nas histórias denominadas Moderna e Contemporânea. Para que essa realidade fosse apresentada neste artigo, pautei a pesquisa em pontos específicos das Sagradas Escrituras e, em seguida, busquei obras que pudessem fundamentar a minha visão acerca dos mitos greco-romanos e dos fatos históricos que permeiam a humanidade ao longo de sua história. Em primeiro plano, abordarei a presença da homofobia nas Sagradas Escrituras no sentido de que inibe as práticas homossexuais entre os homens e as mulheres da época. Várias são as passagens em que são encontrados elementos que denotam homofobia. Para que essa realidade seja entendida, elencarei algumas passagens na tabela a seguir.

Tabela 1. Passagens bíblicas que denotam homofobia.

Livro	Capítulo	Versículo/s
Gênesis	4	3, 9, 21 a 23
Gênesis	39	1 a 4
Levítico	18	22
Levítico	18	6 a 30
Levítico	20	13
Reis	14	24
Reis	15	12
Reis	22	46
Reis	23	7
Timóteo	1ª Timóteo	-
Colossenses	3	5 a 7

Coríntios	6	9
Coríntios	11	3 a 15
Romanos	1	21 a 32
Romanos	6	11 a 23
Efésios	6	11
João	21	25
Lucas	6	40?
Mateus	24	5

Fonte: Elaborado pela autora a partir da Bíblia Sagrada (2010).

Mediante as passagens citadas, pode-se perceber, ao elaborar a tabela, como a religião foi usada no processo de silenciamento dos corpos LGBTQIA+. Diante dessa realidade, nota-se que os castigos chegam para os/as pecadores/as, vistos/as como impuros/as, no livro do Gênesis, capítulo 4 (quatro), versículos 01 (um) a 24 (vinte e quatro), por meio dos castigos impingidos a Caim e à geração advinda dele. Da primeira geração que descende de Caim, Jubel e Tubalcan, nascem duas gerações de pecadores/as: do primeiro filho, Jubel, nascem os tocadores de cítara e sopro, ao passo que os do segundo, Tubalcan, são trabalhadores de cobre e ferro. A feminização dos tocadores de cítara e flauta pode ser vista nas pinturas da Antiguidade, nas quais se pode perceber que há uma preocupação em desmasculinizar os homens retratados pelos artistas da época, dando a entender que a linhagem advinda de Jubel é o que se denominava pederastas, isto é, homens que sentem prazer em servir sexualmente a outros homens. É possível ver essa realidade nas figuras a seguir.

Figura 1. Tocador de flauta.⁴



Figura 2. Tocador de cítara.⁵



⁴ Disponível em: www.canstockphoto.com.br.

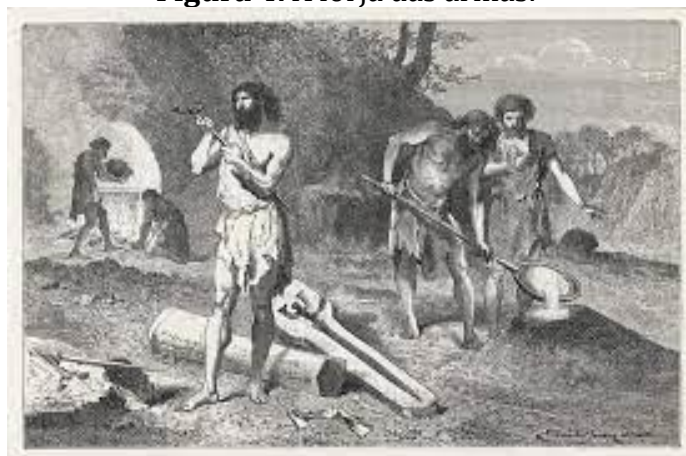
⁵ Disponível em: www.canstockphoto.com.br.

As imagens representam rapazes imberbes e com trejeitos femininos, o que já os estigmatiza. Em contrapartida, os filhos de Tubalcan são retratados pelo escriba como homens forjados para ajudar a disseminar a discórdia entre os povos com suas invenções, visto que a história nos mostra que os trabalhadores de cobre eram homens robustos que faziam questão de mostrar sua masculinidade e tinham como principal meio econômico, no período em que estavam situados, forjar armas para os confrontos bélicos; nesse caso, os netos de Caim, assim como Ares, traziam consigo à Terra o terror da guerra e se compraziam com isso. As figuras abaixo podem ilustrar a fala anterior:

Figura 3. Artesãos Idade do Ferro.⁶



Figura 4. A forja das armas.⁷



As imagens são de homens rudes ou sábios que tinham nas mãos o poder de destruir com suas invenções. Diante dessa constatação, se faz necessário perceber que homens e mulheres tiveram seus desejos controlados por meio da fé que possuíam. Minha leitura dessas passagens bíblicas fez-me perceber que durante séculos o preconceito e a exclusão impostos aos/às LGBTQIA+ foram agressivos. Uma das passagens que me fez ter essa interpretação está em Levítico, capítulo dezoito (18), versículos vinte e dois (22) a trinta (30): neles o escriba usa a palavra “contaminação” para descrever o envolvimento dos/as LGBTQIA+, como se o amor entre pessoas do mesmo sexo fosse algo impuro, passivo de punição! A palavra vômito usada no texto deixa claro o quão abjeto esses corpos são para a sociedade da época. Para entender essas concepções, Foucault (2018, p. 173) em sua obra “Os Anormais” assinala:

⁶ Recuperado de: Walker Art Library.

⁷ Recuperado de: <http://cuenca-online.com>

Resumindo, podemos dizer o seguinte: à direção espiritual vai corresponder o distúrbio carnal como domínio discursivo, como campo de intervenção, como objeto de conhecimento para essa direção. Do corpo dessa materialidade corporal à qual a teologia e a prática penitencial da idade Média referiam simplesmente a origem do pecado, começa a se destacar esse domínio ao mesmo tempo complexo e flutuante da carne, um domínio ao mesmo tempo de exercício de poder e de objetivação [...].

A visão do corpo LGBTQIA+ como fonte de pecado, como pode ser visto na citação de Foucault, deixa claro que o distúrbio carnal existente nos homens que amam outros homens será o domínio do discurso utilizado pela religião na tentativa de cercar esses corpos. Não obstante o pensamento registrado na Bíblia, se vê, também, o pensamento de filósofos greco-romanos quando dizem que a distinção sexual se dava mediante a temperança e a incontinência sexual. Na Antiguidade Clássica, já se falava do comportamento antinatural com relação ao homoerotismo; no entanto, é necessário evidenciar que naquele período não se dividia a humanidade em homossexuais e heterossexuais. Platão aborda em suas explicações que o prazer em copular é adquirido de acordo com a natureza, porém o prazer homossexual se faz contrariamente à natureza, isto é, seria, para ele, um crime causado pela incapacidade de controlar o desejo do prazer.

Ora, dessa maneira tem-se a impressão de que o problema se resume à intemperança, o que, para os povos da Antiguidade Clássica, não era algo considerado monstruoso, mas algo que infringia as regras sociais vigentes. Vayne (2008) ressalta que o homem romano não poderia sentir prazer ao ser penetrado pelo seu parceiro, a penetração era algo reservado àquele, isto é, ele deveria ser sempre o ativo na relação, o papel de passivo caberia sempre ao escravo. No entanto, se o papel contrário trouxesse para o homem romano prazer, ele estaria tendo distúrbios médicos, uma vez que estaria trocando sua identidade masculina por uma feminina, haja vista que não havia a dicotomia homossexual e heterossexual.

Outro autor que faz uma abordagem da vida homossexual no período greco-romano é Dall’Orto (2015), em sua obra “Tutta Un’Altra Storia”, na qual retrata os *Cianaedus*, palavra utilizada para definir os “homens” que possuíam características femininas, sejam elas físicas ou psicológicas. Na sua explicação, o estudioso retrata aqueles – os *Cianaedus* – como seres abjetos, com corpos disfuncionais em meio às guerras travadas pelos homens cisgênero⁸. No período greco-romano, a exuberância dos *Cianaedus* podia ser comparada à das drags ou dos/das transgêneros, o que rendia àqueles inúmeros comentários perniciosos. Nesse âmbito, a heteronormatividade, mesmo que a sociedade da época não soubesse seu significado, já podia ser notada por meio dos relatos, como cita Dall’Orto (2015), que traz o provérbio transcrito por Luciano de Somósata⁹: “É mais fácil esconder cinco elefantes debaixo de uma axila do que um *Cianaedus*”.

É fato que os *Cianaedus* possuíam características que os tornavam únicos. Ao longo dos anos, outros filósofos também deixaram evidente a sua aversão ao que o corpo e os trejeitos dos *Cianaedus* causavam. Sócrates, por exemplo, chega a dizer que eles possuíam uma incrível capacidade de chamar atenção por onde andavam devido a suas características peculiares. No entanto, se trago essa fala para os dias atuais, é porque percebo que essas características ainda se fazem presentes na sociedade contemporânea, apesar de vários séculos separarem os/as jovens LGBTQIA+ do período greco-romano dos/as LGBTQIA+ dos dias atuais. Essa percepção se deve ao fato de que as atitudes que permeavam a sociedade daquela época ainda ecoam na sociedade do século XXI, mesmo que tenhamos notado avanços significativos após a luta travada pela classe ao longo dos séculos.

⁸ São pessoas que sentem atração por outras de sexo diferente do seu: homem/mulher.

⁹ Natural da Síria, viveu no segundo século de nossa era num mundo submetido à influência do Império Romano e do patrimônio cultural grego. Cultor de gêneros como o diálogo cômico-filosófico, o panfleto e o romance, Luciano nunca adentrou o terreno da historiografia, embora tenha produzido, como se escreve, um significativo “tratado” sobre a história (Brandão, 2001).

Com a queda do Império Romano e a formação dos Reinos Bárbaros, em um mundo totalmente teocêntrico, o silenciamento desses corpos LGBTQIA+ toma uma proporção mais assustadora, visto que o pecado era passível de punições severas. Em seu livro *Confissões*, um dos maiores teólogos da religião católica, Santo Agostinho (1997, p. 55), revela, sutilmente, seu envolvimento com o pecado da sodomia: “Amar e ser amado era para mim a coisa mais doce, sobretudo se podia gozar do corpo da criatura amada, deste modo manchava com concupiscência a fonte da amizade, e obscurecia seu candor com os vapores tartáreos da luxúria”.

Diante da fala de Santo Agostinho, nota-se que, ao falar do grande amigo que o acompanha nas suas farras e perdições, como ele mesmo as chama, se observa a “culpa” que carrega por não poder conter seus desejos carnis. Ele compara o amor que devota ao amigo às profundezas do Tártaro¹⁰, o mundo inferior da mitologia grega, onde são lançados todos os inimigos do Olimpo. Nessa fala é possível notar que a culpa o assola por não ter controle da sua libido, por deixar que o desejo sexual seja maior que a fé que ele deveria possuir. Essa culpa pode ser percebida, também, na seguinte passagem do Livro IV 4-6:

[...] amigo, a quem amei excessivamente [...], por quem senti que minha alma e a sua não eram mais que uma em dois corpos [...], buscavam-no por toda parte meus olhos, e ele não aparecia, cheguei a odiar todas as coisas por que nada o continha [...] (Agostinho, 1997, p. 72-75).

Santo Agostinho, antes de consagrar sua vida à igreja, teve um filho natural a quem dera o nome de Adeodato. Apesar de não contrair matrimônio devido à vida desregrada que possuía, o filósofo deu ao pai um varão que continuaria a linhagem da família. Esse fato é narrado no seu livro quando o filósofo descreve a alegria do pai ao contar à esposa que o filho deles tinha condições de procriar e, conseqüentemente, manter vivos o nome e as riquezas da família. Porém, Santo Agostinho, em seu *Confissões*, destaca mais de uma vez o amor que o une a um certo amigo cujo nome não diz. Essa relação o torna um pecador, algo que na Idade Média era considerado pecado mortal. No entanto, ao se confessar pecador, o teólogo se redime de sua culpa, como pode ser visto na fala de Foucault (2018, p. 174):

[...] Deve-se contar tudo, mas somente aqui e a ele. Só se deve contar no confessionário, no âmbito do ato da penitência ou do procedimento de direção de consciência. Portanto, só falar aqui e a ele não é, evidentemente, uma regra fundamental e originária de silêncio à qual viria se superpor, em certos casos, a título de corretivo, a necessidade de uma confissão. Fez-se disso essa peça complexa (de que lhes falei da última vez), em que o silêncio, a regra do silêncio, a regra do não dizer, é correlativa de outro mecanismo, que é o mecanismo da enunciação, no âmbito de certo ritual e a certa pessoa bem determinada [...].

Ora, Santo Agostinho confessa seus “estranhos desejos” pelo amigo secreto não a um padre, mas a toda uma sociedade que considera, assim como ele, o desejo homossexual uma forma distorcida, abjeta, um pecado que deixa os homens longe de Deus. Não muito distante do pensamento agostiniano, séculos depois, muitos países procuraram silenciar esses corpos, porém esse silenciamento era relegado à classe subalterna, visto que muitos monarcas absolutistas, ao longo desses séculos, tiveram vidas duplas, ou totalmente livres, para expor seus relacionamentos homossexuais ou bissexuais. Foucault (2018, p. 173) destaca que “a carne é aquilo de que se fala, a carne é o que se diz”. Logo, se a carne é isso, por que os/as LGBTQIA+ teriam de esconder seus desejos em função da concepção de pecado? A sexualidade é o que se confessa, não o que se faz? Seria incongruente, então, impingir o pecado pela aparência que os

¹⁰ Tártaro: na mitologia grega, Tártaro é personificado como um dos deuses primordiais nascidos a partir do Caos.

corpos LGBTQIA+ possuíam, e ele, o pecado, só existiria realmente à medida que fosse confessado, não pela aparência que pudesse possuir.

Essa concepção pode ser observada nos séculos seguintes e posteriormente na época vitoriana, quando os homens eram punidos por terem desejos sexuais por outros homens e as mulheres podiam expor “sua amizade” por outra mulher até o casamento. Um dos grandes nomes da Literatura Mundial, o poeta inglês Oscar Wilde, foi preso por se declarar abertamente homossexual no século XVIII, e uma das suas frases mais famosas demonstra como o silenciamento imposto aos corpos LGBTQIA+ era perverso: “Por detrás da alegria e do riso, pode haver uma natureza vulgar, dura e insensível. Mas por detrás do sofrimento, há sempre sofrimento. Ao contrário do prazer, a dor não usa máscara”. O riso mascarava a dor de não poder ser ele mesmo, e essa realidade poderá ser vista posteriormente no século XX, quando o pintor Einar Wegener¹¹ decide assumir sua transexualidade. Wegener, ao aceitar sua vida como Lili Ilse Elvenes, passa a se engajar numa luta pela libertação: ela deixa o silêncio que a oprime e se torna a principal incentivadora das gerações futuras; é ela quem primeiro solta o grito e afugenta o silêncio que a esmaga durante anos, tornando-se, assim, exemplo das causas transexuais. Pode-se perceber como esse cerceamento é ultrapassado pelo despertar a partir da seguinte fala de Bento (2014, p. 124):

Geralmente, depois de um longo período de impedimentos, começam a vivenciar experiências do gênero com o qual se identificam. Como não tiveram acesso à socialização de uma menina ou de um menino, tampouco vivenciaram os processos de interiorização das verdades que resultam na incorporação de uma determinada estilística dos gêneros, terão de aprendê-las.

Essa liberdade acerca da qual Bento (2014) discorre pode ser comparada a um grito que expressa “Eu estou aqui, eu existo”, e, a partir dele, a desconstrução que durante tantos anos foi imposta a homossexuais e transexuais cai por terra. Nesse ponto, pode-se perceber que Bento (2014) possui uma similaridade com o pensamento foucaultiano no tocante à ideologia criada para definir os corpos, uma vez que, para o filósofo francês, a ideologia não existe por trás da “cortina”. Nota-se, então, que a concepção de corpo advém do aprendizado realizado pelos/as homossexuais e transexuais ao longo do encarceramento e do silenciamento impingidos pela sociedade ao longo dos séculos.

O despertar de Lyle, nome peculiar porque de algum modo lembra Lilith¹², foi capaz de mudar o silenciamento sob o qual Einar era forçado a viver e que, no século XXI, outros corpos transexuais e homossexuais vivem na sociedade a que pertencem e na escola, ambiente que deveria acolhê-los. Esse detalhe fez-me lembrar de uma passagem da obra de Ebershoff (2016, p. 44) que muito me fez pensar:

[...] Encontrara Einar, miúdo para seus sete anos, mexendo nas gavetas, com as contas de âmbar ao redor do pescoço e um lenço amarelo amarrado à cabeça feito uma bela cabeleira. O rosto do pai se avermelhara, e seus olhos pareceram afundar no crânio. Einar ouvira a voz do pai vibrando de raiva na garganta. “Você não pode fazer isso!”, dissera o pai, “Meninos não fazem isso!”. E o pequeno Einar retrucara: “Mas por que não?”.

Ao ler Ebershoff (2016), pude perceber que a lembrança do pequeno Einar não difere das lembranças de muitos/as alunos/as transexuais e homossexuais que se encontram entre os muros das escolas de Ensino Médio da cidade de Tobias Barreto. Logo, veio-me à lembrança

¹¹ Pintor dinamarquês cuja maior significância histórica vem de ter sido uma das primeiras pessoas a submeter-se a uma cirurgia de redesignação sexual; sua vida inspirou o filme *A Garota Dinamarquesa*.

¹² Nos textos babilônicos, Lilith era “a prostituta do templo de Istar”, um demônio feminino que causava a queda dos homens através da sedução. Como deusa, Lilith estava associada à lua, ao adultério, à morte (aborto) e a doenças sexualmente transmissíveis (Bíblia Sagrada, Isaías, 34).

uma peça teatral, na realidade um monólogo, de um ex-aluno em que ele representa a si mesmo quando criança. No monólogo “Cartas para uma mãe que se foi”, o autor retrata a dor que sentia quando criança, sua paixão por vestidos de noiva o fazia imaginar-se uma noiva, e ele realizava essa fantasia vestindo-se com as roupas da mãe. Essa atitude rendeu a ele muitas críticas de familiares e o fez silenciar-se até adulto, negando a própria sexualidade. Diante de tantas dores, como se pode reverter as angústias que chegam até as escolas por meio dos/as LGBTQIA+ e que, muitas vezes, são barradas pelos muros que os/as cercam?

Diante do contexto citado, é bastante comum que se deve contextualizar esse histórico para que as unidades escolares que possuem alunos/as LGBTQIA+ busquem soluções que possam possibilitar a eles/as uma acolhida verdadeira, sem subterfúgios, fazendo-os/as, assim, permanecer no chão das escolas até o final do Ensino Médio. Para que essa realidade possa acontecer, os Colégios Estaduais que farão parte da pesquisa precisam trazer à tona histórias que mostrem aos/às alunos/as LGBTQIA+ o poder da superação, tornando-os/as empoderados/as, para que terminem o Ensino Médio e, conseqüentemente, adentrem uma universidade ou possam galgar outros sonhos.

Para que essa realidade seja posta em prática, se faz necessário que as escolas, por meio de seus/suas professores/as, desenvolvam projetos voltados para esse grupo social. Apesar de as leis e conquistas adquiridas ao longo dos anos possibilitarem aos/às LGBTQIA+ oportunidades e tê-los/as feito adquirir direitos que antes não possuíam, ainda não foi criada nesses colégios uma política educacional voltada para o respeito à orientação sexual. Diante disso, deve-se perceber que os muros que cercam as instituições de ensino não são apenas os visíveis, mas, principalmente, aqueles que estão invisíveis.

Diante da história, é notório que a comunidade LGBTQIA+ é vítima do preconceito patriarcalista que assola a sociedade ao longo dos tempos e que cabe à escola formar cidadãos/ãs que respeitem as diferenças existentes, sejam elas quais forem. É nesse contexto que, como professora, me preocupo se a escola está reproduzindo e se calando diante da violência que atinge a classe LGBTQIA+. Para além disso, questiono-me, ainda, sobre o porquê de os/as jovens LGBTQIA+ não conhecerem a Literatura Homoerótica e autores/as como Oscar Wilde, que fez da sua vida uma luta constante para ocupar seu espaço enquanto homossexual. Para que esse conhecimento chegue até as salas de aula dos Colégios da rede pública do estado de Sergipe, na cidade de Tobias Barreto, que farão, se faz necessário que se abordem temáticas que envolvam o pensamento e o comportamento e que tentem responder ou tensionar nesses/as jovens questionamentos, de modo que estes possam causar a inquietação necessária nos/as alunos/as por meio da leitura, para que, assim, possam criar as asas que os/as façam voar e os/as levem a erguer suas vozes.

Em meio a toda essa realidade, se faz necessário que sejam realizadas leituras de teor homoerótico a partir de autores/as que possuam a sensibilidade necessária para empoderar os/as jovens LGBTQIA+ que permeiam o chão das instituições escolares citadas. Abordar o contexto histórico da sexualidade e buscar parcerias com os/as professores/as de Literatura dos dois Colégios estaduais da cidade de Tobias Barreto/SE, fará com que a exclusão desses/as jovens, que é desumana, possa ser minimizada, haja vista que a Constituição Federal, no seu artigo 6º, deixa claro que a educação é um direito de todos/as e um dever do Estado.

No entanto, se faz necessário que os/as professores/as possam abordar a temática com segurança e afabilidade, buscando, com isso, inserir esses/as jovens no meio educacional a que pertencem, dando-lhes a voz que está presa em seu íntimo, os/as impedindo de galgar os sonhos que possuem. Pode-se notar essa relação de confiabilidade na fala de Hooks (2013, p. 25):

Ao longo de muitos anos como aluna e professora, fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de produção. Esses professores se aproximavam dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um,

mesmo que a situação não permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo. Por outro lado, a possibilidade desse reconhecimento está sempre presente.

Tendo em vista essa realidade, a ideia é que sejam apresentadas, avaliadas e discutidas obras com temática homoerótica que sejam sustentadas por discussões críticas relacionadas com o entrecruzamento de marcadores de subalternidade, tais como raça, gênero, classe, geração, localização geográfica, tendo como objetivo o processo de empoderamento e a permanência desses/as jovens nos Colégios estaduais que farão parte do trabalho. Antes de abordar sobre Literatura Homoerótica, há a necessidade de delimitar alguns conceitos que fazem parte da temática, principalmente por algumas obras terem sido escritas num período em que as relações homossexuais eram vistas como doença. Vale lembrar que o termo “homossexualismo” compreende uma carga negativa e preconceituosa, porém foi muito utilizado durante longos anos pela sociedade. Já o termo “homoerótico” não pertence a um determinado grupo identitário, mas, sim, a todos os indivíduos, faz parte da estrutura social. Logo, o conceito de homoerotismo torna-se pertinente ao refletir as diversas formas de relações eróticas entre pessoas do mesmo sexo: “é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejo dos homens” (Costa, 1992, p. 21).

Diante do exposto, tendo como base essa realidade, buscar trabalhos acadêmicos relativos à Literatura Homoerótica será uma tarefa árdua, visto que são poucos os trabalhos voltados para essa temática como suporte educacional e muito menos para a formação do empoderamento dos/as LGBTQIA+ para enfrentar o *bullying* e as provocações dos/as colegas. Portanto, a relevância deste artigo não está centrada, necessariamente, na novidade, mas, sim, na importância do que se pretende fazer, uma vez que focaliza a formação de leitores/as críticos/as e que passem a valorizar e respeitar as diferenças existentes, promovendo, assim, rupturas no sistema machista ainda vigente no meio educacional.

CONCLUSÃO

“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser...” (Paulo Freire, 2013, p. 4).

A capacidade de se reinventar a todo instante é algo inerente ao ser humano, no entanto, para que haja essa metamorfose, é preciso ter um ponto de apoio que possa ajudar nessa missão. A permanência dos/as LGBTQIA+ na escola deve ser um processo de lapidação não só desses/as jovens, mas, também, dos/as profissionais que trabalham no chão das escolas. Enquanto professora de Língua Portuguesa, disciplina que agrega a Literatura em sua base, percebo que a leitura pode, sim, ajudar no processo de empoderamento daqueles/as que são afugentados/as pela escola devido a suas escolhas. Diante dessa realidade é que tracei, neste artigo, a longa trajetória de silenciamento passada por homossexuais e transexuais ao longo dos tempos. Os greco-romanos, assim como os/as cristãos/ãs, nas passagens bíblicas, demonstram um preconceito latente no que diz respeito à homossexualidade. Para estes/as últimos/as, o amor entre pessoas do mesmo sexo era, e ainda o é, um pecado mortal, como se o amor pudesse ser rotulado dessa forma. Para os greco-romanos, a “pederastia” só podia ser realizada, como vimos no início deste texto, quando o homem fosse solteiro e patrício, mesmo assim ele deveria ser sempre o ativo da relação, pois ser passivo cabia apenas aos escravos ou aos meninos imberbes. Ao casar-se, deveria aprender a ter relações com as mulheres, no entanto, Marcial confessa que tinha mais prazer em ter relação com um rapazinho do que com a esposa; para ter respaldo em sua escolha, Marcial (século IV) utilizava-se das lendas gregas:

Surpreendes-me ao leito com um rapazinho e, com tom severo, mulher, me dizes que também tens um cu. Quantas vezes Juno disse a mesma coisa ao lascivo Júpiter! Mas ele dorme com Ganimedes, que não é mais um rapaz. Hércules deixava seu arco para acariciar Hilas: crês que sua mulher, Mégara, não tivesse bunda? Febo se atormentava por Dafne que lhe fugia, mas Jacinto, o jovem espartano, apagou-lhe o fogo do amor. Mesmo que Briseida se deitasse deliberadamente de bruços, Aquiles preferia o amigo do rosto sem pelos. Deixa de dar às tuas coisas nomes masculinos, pois tu tens duas bocetas! (Epigramas, XI, 43).

Em face do exposto, é que visio propor um trabalho com a literatura homoerótica no Ensino Médio para que os LGBTQIA+ que fazem parte de dois Colégios da Rede estadual de Ensino do Estado de Sergipe possam perceber que os desejos que possuem não são desejos perniciosos, que os/as levarão ao inferno. Partindo dessas premissas é que o grande questionamento surgiu: Por que não os/as ajudar a se perceberem como atores/atrizes do mundo que habitam? E, acima de tudo, por que não formar uma nova geração menos homofóbica/transfóbica e mais esclarecida? Sei que esses questionamentos são iniciais ao que pretendo pesquisar, mas no decorrer do doutorado terei oportunidade de trilhar o caminho dos questionamentos existentes desta temática tendo como base a Literatura Homoerótica relacionado com feminino e masculino, e que o gênero diz respeito aos papéis sociais relacionados com a mulher e o homem (Moser, 1989). A partir dessa compreensão, será possível levar os/as alunos/as a entenderem que toda a sociedade é marcada por diferenças de gênero, que ainda há uma grande variação dos papéis que a eles/as são associados e que as políticas públicas em voga existem, sim, para ajudá-los/as a galgar caminhos menos pedregosos e mais floridos.

AGRADECIMENTOS: Não aplicável.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: Bispo, M. M. A.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, e revisão crítica de conteúdo intelectual importante; Cruz, M. H. S.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, e revisão crítica de conteúdo intelectual importante. As autoras leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

CONFLITOS DE INTERESSE: As autoras declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- Agostinho, S. (1997). *As confissões*. Petrópolis: Vozes.
- Bento, B. (2008). *O que é transexualidade?* São Paulo: Editora Brasiliense.
- Bíblia Sagrada: Antigo Testamento (2010a). São Paulo: Edição Clarentina.
- Bíblia Sagrada: Novo Testamento (2010b). São Paulo: Edição Clarentina.
- Brandão, J. L. (2001). *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: UFMG.
- Collie, T. (2014). *Swett Rome*. Bellevue: Amazon.
- Compagnon, A. (2009). *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG.
- Costa, J. F. (1992). *A inocência e o vício - Ensaios sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará Editores.
- Dall'Orto, G. (2015). *Tutta Un'Altra Storia*. Milano: Il Saggiatore.
- Ebershoff, D. (2016). *A garota dinamarquesa*. Rio de Janeiro: Fábrica 231.
- Foucault, M. (2018). *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes.
- Greenberg, D. F. (1988). *The construction of homosexuality*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Halperin, D. M. (1989). *One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love*. London: Routledge.

Jacobson, E. L. H. (1937). *Man Into Woman*. Boston: Beacon P.

Marziale (2005). *Epigrammi*. A cura di Simone Beta. Milano: Oscar Mondadori.

Massara, F. (2015). Os Grandes Julgamentos da História. v. Oscar Wilde/O escândalo da condessa. São Paulo: Otto Pierre.

Moser, C. O. N. (1989). Gender Planning in the Third World: Meeting Practical and Strategic Gender Needs. *World Development*, 17(11), 1799-1825.

Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2) 71-99.

Todorov, T. (2010). *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: Difel.

Vayne, P. (1985). *A elegia erótica romana*. São Paulo: Brasiliense.

Vayne, P. (2008). *Sexo e poder em Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Recebido: 30 de abril de 2021 | **Aceito:** 17 de maio de 2021 | **Publicado:** 19 de maio de 2021



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.